

Discurso da Ministra do Planejamento, Orçamento e Gestão, Miriam Belchior, no InfraBrasil

Brasília, 30 de janeiro de 2012

Cumprimento representantes dos governos, empresários, instituições financeiras, profissionais que fazem parte de toda a cadeia de infraestrutura no Brasil e organizadores do evento. Cumprimento, também, profissionais da imprensa: jornalistas, cinegrafistas e fotógrafos.

Antes de mais nada, gostaria de parabenizar os organizadores desse Fórum pelo tema de abertura.

É possível que muitos jovens aqui presentes não saibam, mas discutir o Estado como indutor de qualquer coisa já foi taxado de atraso. Esse foi um debate travado por um longo tempo. Hoje, a sociedade brasileira está cada vez mais convicta de que a construção de uma nação mais justa e mais igual é o único caminho para nosso desenvolvimento. Mas, infelizmente, Celso Furtado e muitos outros que defendiam esse papel para o Estado brasileiro se foram sem ter realizado o sonho de ver o Brasil crescer com redução de suas desigualdades sociais e regionais.

No Governo do Presidente Lula, e agora no governo da Presidenta Dilma Rousseff, o Estado brasileiro adotou um novo padrão de desenvolvimento, baseado em “inclusão social-investimento-crescimento”.

Nesse novo padrão, o Estado passou a assumir o papel de indutor do desenvolvimento, reforçando as políticas sociais e reativando os investimentos em infraestrutura econômica e social em escala nacional. O Brasil recuperou a noção de planejamento de longo prazo. Essa retomada promoveu uma grande parceria entre o setor público e o setor privado.

Cada vez mais, os investimentos públicos e privados possuem um papel estratégico e de complementaridade, para que o Brasil mantenha esse movimento virtuoso de desenvolvimento.

Este novo padrão de desenvolvimento teve suas bases assentadas na redução das desigualdades regionais e sociais com políticas de investimentos e transferência de renda, o que ampliou o mercado consumidor doméstico e aqueceu nossa economia. Regiões antes estagnadas estão crescendo a taxas superiores às demais do país, garantindo maior equilíbrio no território nacional.

Esse crescimento exigiu o enfrentamento dos gargalos da infraestrutura e da capacidade produtiva brasileira, que levaram à retomada do investimento público e privado. E, com isso, passamos a viver este círculo virtuoso de “inclusão-investimento-crescimento”.

Essa combinação de um mercado interno fortalecido, inerente ao novo padrão de desenvolvimento, e a solidez dos fundamentos macroeconômicos permitiram ao Brasil se recuperar rapidamente da crise que abalou a economia mundial em 2008-2009. O resultado desse novo modelo de desenvolvimento é que 28 milhões de brasileiros deixaram a pobreza absoluta e 36 milhões ingressaram na classe média. Nossa economia vem crescendo em patamares muito superiores nos últimos anos.

E o Brasil passou a assumir uma posição relevante como ator mundial diante de nossos importantes resultados nos campos econômico, social e ambiental, e por nossa defesa do multilateralismo como via legítima de solução dos problemas globais.

Mas a nova fase da crise mundial nos coloca o desafio de robustecer ainda mais nosso novo padrão de desenvolvimento, promovendo mais inclusão, mais investimento e mais crescimento.

Em 2012, o Brasil será um dos poucos países que crescerá mais do que em 2011 e com taxas de inflação ainda menores. A perspectiva é de que cresçamos 4,5/5,0%, com base na continuidade do mix de política fiscal e monetária aplicada em 2011, que objetiva garantir nosso crescimento sustentável.

Em 2012 ainda vigorará um cenário internacional de grande turbulência, em que os países desenvolvidos enfrentam, por um lado, baixo crescimento e alto desemprego, e, pelo outro, elevados déficits públicos e crise das dívidas soberanas.

O cenário internacional apresenta desafios, mas também grandes oportunidades ao Brasil.

- Baixo crescimento da economia mundial; porém, num ambiente desinflacionário;
- Volatilidade dos mercados; porém, continuamos como um dos mercados mais atrativos;
- Maior concorrência internacional; porém, temos espaço para ganhar novos mercados;

Vamos responder à crise com crescimento sustentado em 5 pilares principais:

Com solidez fiscal. Vamos manter a trajetória de redução da dívida, abrindo espaço para redução da taxa de juros, aumento dos investimentos produtivos e sociais, e com a inflação sob controle.

Fortalecendo ainda mais nosso mercado interno, com aumento do salário mínimo e da renda dos trabalhadores, com crescimento da classe média e com a manutenção do emprego formal.

Ampliando ainda mais o crédito, para dar conta dos investimentos necessários ao crescimento do país.

Aumentando a competitividade da nossa economia com:

- Maior qualificação da mão-de-obra, com investimentos na educação em todos os níveis e com o PRONATEC ;
- Incentivo à inovação, com amplos investimentos em ciência e tecnologia;
- Desonerações e mudanças tributárias;
- Medidas de defesa comercial para controlar a importação predatória.

E, por fim, com mais Investimento. O motor do crescimento em 2012 será a elevação dos investimentos.

Por isso o PAC terá, mais uma vez, papel vital.

O PAC nasceu da ambição de planejar e criar melhores condições para as próximas gerações, através da recuperação da capacidade de investimento do setor público e com medidas institucionais que favorecem o ambiente de investimento privado.

Os resultados efetivos alcançados pela economia brasileira nos últimos anos indicam que o PAC atingiu o seu primeiro objetivo: o de acelerar o crescimento econômico.

A taxa de crescimento média do Produto Interno Bruto (PIB) aumentou de 3,3%, nos cinco anos anteriores à implementação do PAC, para 4,6% ao ano, entre 2007 e 2010. Esse crescimento foi puxado pelo investimento, que cresceu mais do que o dobro no mesmo período.

Parte deste aumento ocorreu pelo crescimento do investimento do Governo Federal, que consolidou uma mudança de patamar: alcançamos 3,3% do PIB em 2010, contra 1,6% do PIB em 2006, antes do PAC. Ou seja, dobramos a participação do investimento público em relação ao PIB.

O aumento simultâneo do investimento privado demonstrou que a retomada do planejamento estatal e do investimento público no país reforçou o investimento privado e o dinamismo geral da nossa economia.

O vigor do crescimento do Brasil se refletiu em todos os setores, mas com destaque especial para o setor de construção civil, cuja taxa de crescimento médio saltou de 1,4% ao ano, entre 2002 e 2006, para 4,3% ao ano, entre 2007 e 2010.

Esse forte crescimento foi acompanhado por acentuada queda da taxa média anual de desemprego, que passou de 10%, em 2006, para 4,7%, em dezembro de 2011, atingindo nível de pleno emprego.

NO PAC1, executamos 94% dos recursos previstos e concluímos 82% das obras que estavam previstas concluir até 2010.

O PAC 2 prevê investir, de 2011 a 2014, quase R\$ 1 trilhão:

- Logística de Transporte: R\$ 104,5 bilhões;
- Energia: R\$ 461,6 bilhões;
- Social e urbana: R\$ 389 bilhões – onde se concentram os empreendimentos que enfrentam os principais problemas sociais e urbanos das grandes cidades brasileiras, como habitação, saneamento, mobilidade urbana, educação e saúde.

Parte importante desses investimentos é realizada em parceria com o setor privado e com financiamentos, incentivos e desonerações.

São exemplos dessas parcerias as concessões de rodovias, ferrovias, aeroportos, geração e transmissão de energia e de irrigação nas zonas rurais.

A outra parte será realizada pelos governos federal, estaduais e municipais e empresas estatais. Com esses recursos, serão construídos no Brasil:

- 2 milhões de novas moradias;
- 8 mil km de expansão da nossa malha rodoviária;
- mais de 4 mil quilômetros de ferrovias;
- melhoria da infraestrutura de 24 portos;
- 44 novas usinas hidrelétricas com capacidade de geração de 25 mil MW de potência;
- 40 mil quilômetros de linhas de transmissão;
- construção de refinarias, fábrica de fertilizantes e petroquímicas;
- 57 intervenções em 22 aeroportos brasileiros, para atender a demanda interna crescente e também para os grandes eventos esportivos;
- 50 empreendimentos de metrô, BRTs, VLTs e corredores de ônibus;

- 6 mil creches e pré-escolas;
- 2.240 UPAs e UBSs.

O ano de 2011 marcou, com o início do PAC2, um novo ciclo de investimento, com novos projetos sendo elaborados, licenciados para entrar em obras mais adiante. Os resultados preliminares do PAC em 2011, que estamos fechando agora, mostram que seu desempenho foi ainda mais vigoroso que em 2010, o melhor ano do PAC 1. Esses resultados consolidam o PAC como “o” grande plano de investimento público que orienta, fomenta e induz o investimento privado.

Estamos em um momento em que a parceria entre público e privado deixou de ser uma falsa questão para se tornar uma necessidade ao pleno desenvolvimento do Brasil.

Acredito que hoje já não parece tão distante o Brasil se tornar um país economicamente rico e socialmente justo, mas há grandes desafios pela frente, que continuaremos a enfrentar com empenho e determinação.

Muito obrigada a todos, e que esse Fórum se constitua num espaço efetivo de debate e de avanço da discussão sobre a infraestrutura no Brasil.